

Uma discussão sobre a sociedade do imediatismo a partir de Byung-Chul Han

Renata Marafon¹

Ana Flávia Costa Eccard²

Resumo

O atual artigo busca discutir os elementos da nova configuração da sociedade a partir da leitura de Byung-Chul Han, trata-se de compreender as modificações sofridas pela hiper conexão, a utilização massificada das redes e das novas temporalidades que influenciam diretamente as relações sociais. A sociedade atual não se resume mais ao simples ter, mas disfarçadamente em um ser transmutado no ter, já que através da premissa da máxima eficiência e da alta estimulação, alcança-se a recompensa pelos esforços através do reconhecimento e de mais remuneração para aquisição de objetos de status social. Nega-se a negatividade, estimula-se a positividade, e dentro uma sociedade altamente competitiva, geram-se jovens frustrados que não conseguem alcançar o ápice do status social pelo mero esforço comum, acometidos pela depressão e excluídos por não terem se esforçado o suficiente. Uma sociedade viciada em dopamina causada pelo constante uso de redes sociais e estímulos, sendo o tédio um pecado capital. Este estudo tem como objetivo geral relatar uma observação da sociedade atual, em que é necessário ser produtivo a todo momento que poderia ser de usufruto de pequenos prazeres sob o manto da busca pela produtividade e eficiência e como objetivos específicos, entender o contexto da revolução industrial, como o capitalismo gerou o modelo de vida atual; verificar os impactos dessa positividade exacerbada na sociedade e analisar como a estimulação constante e exagerada, tal qual uma combustão, tem gerado jovens deprimidos. A pesquisa será bibliográfica, fazendo-se uma revisão da literatura atual por meio do método dedutivo com escrita por forma de ensaio.

Palavras-chaves: sociedade; positividade; dopamina; eficiência; combustão;

Abstract

Today's society is no longer limited to simple having, but disguised as being transmuted into having, since through the premise of maximum efficiency and high stimulation, the reward for efforts is achieved through recognition and more remuneration for acquiring objects of social status. Negativity is denied, positivity is encouraged, and within a highly competitive society, frustrated young people are generated who cannot reach the apex of social status by

¹ Bacharel em Direito, pós-graduada em Direito Administrativo e em Direito Penal, servidora pública em exercício na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Mestranda em Direito e Desenvolvimento Sustentável (Unifacvest), e-mail renatamarafon27@gmail.com

² Professora Doutora do Mestrado em Direito UNIFACVEST. Doutoranda do PPFIL. Advogada. E-mail: anaeccard@gmail.com

mere common effort, stricken by depression and excluded for not having tried hard enough.. A society addicted to dopamine caused by the constant use of social networks and stimuli, boredom being a cardinal sin. This study has the general objective to report an observation of today's society, in which it is necessary to be productive at all times, which could be the enjoyment of small pleasures under the mantle of the search for productivity and efficiency and as specific objectives, to understand the context of the industrial revolution., how capitalism managed the current life model; to verify the impacts of this exacerbated positivity on society and to analyze how constant and exaggerated stimulation, such as combustion, has generated depressed young people. The research will be bibliographical, making a review of the current literature through the deductive method.

Keywords: society; positivity; dopamine; efficiency; combustion; ensaio.

Introdução

Para Han, a sociedade migrou de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho, onde ser eficiente a todo momento é a máxima da lógica capitalista atual. Trabalha-se o dia todo, mas o que se faz no tempo restante? Assiste televisão, se diverte? Não, se capacita, corre atrás de objetivos, faz cursos, afinal só assim você será recompensado pelos seus esforços para além das horas de trabalho e conseguirá cada vez mais resultados, tanto para a empresa, quanto financeiros em uma esfera material.

Há ainda nas chamadas horas livres uma estimulação constante, sendo o tédio o grande vilão do progresso pessoal da atualidade. Quem nunca se sentiu culpado por estar pensando ou fazendo nada? Tendo por base essa bomba diária de estimulação, pode-se fazer a analogia a uma combustão, já que é necessária a dose de dopamina diária para não se ter o sentimento de inutilidade. Toda essa autocobrança, violação da própria dignidade humana ao lazer, dissimuladamente transmutada em produtividade, gera uma sociedade doente, depressiva, já que atingir níveis tão altos de sucesso é praticamente impossível a todas as pessoas, fazendo-as sentir vazias, depressivas desenvolvendo toda sorte que distúrbios psíquico.

O objetivo principal deste ensaio, demonstrar a mudança da sociedade atual ao longo dos últimos anos; e tem como objetivos específicos analisar o significado de combustão no contexto social; estudar as revoluções históricas e o estágio atual da humanidade; verificar como a sociedade tem adoecido ante tantas cobranças infundadas. A metodologia será através da revisão bibliográfica por meio do método dedutivo em escrita de ensaio.

1 Desenvolvimento

1.1 Dos significados

O dicionário Michaelis traz a significação de combustão, a saber: do latim: *lat combustio*. sujeito feminino. Ação de queimar; o que é consumido pelo fogo; incêndio de rápida propagação, ou ainda, em sentido figurado, revolução repentina em um país; circunstância de grande tumulto. (MICHAELIS, UOL, s.a). O sentido conotativo será o foco do estudo em tela, iniciando sobre os períodos da história ocidental, portanto, na contemporaneidade.

1.2 Das idades históricas

A história da sociedade é feita de revoluções, combustões, marcos que remetem a cada etapa do desenvolvimento social e do passar das eras.

Idades	Início	Término
Antiga	4.000a.C.(invenção da escrita)	476 d.C.(queda do Império Romano)
Média	476 (queda do Império Romano)	1453 (Tomada de Constantinopla)
Moderna	1453 (Tomada de Constantinopla)	1789 (Revolução Francesa)
Contemporânea	1789 (Revolução Francesa)	Atualmente

Fonte: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/periodoshist/index.php>

Idade Antiga foi marcada pela invasão e dominação de territórios pelos romanos, ascensão de grandes filósofos, bem como a absorção da cultura grega pelos romanos, os quais tinham grandes contribuições em campos como filosofia, matemática e astronomia.

Após a queda do império romano, tem-se início a Idade Média, onde o cerne da história menciona o período feudal, onde o castelo era o centro político das regiões, com a grande influência de poder da igreja. A principal atividade era a agricultura, sendo a mesma responsável pelo sustento econômico da Europa. Foi um grande período de invasões de territórios por outros povos, tendo seu fim marcado pela tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453. (Só História...)

Na Idade Moderna, o período é marcado pelas grandes navegações, descoberta de novas terras e sua colonização. Paralelo a isso, o comércio ascendeu, dando origem a burguesia. Houve o rompimento da Igreja Católica, dando origem ao Protestantismo por meio do pensamento de Lutero e ainda, o movimento mais importante, o Renascentismo, ou, Século das Luzes, onde nas manifestações culturais tiveram muita influência o racionalismo e as ciências, tendo seu fim culminado com a Revolução Francesa.

Após 1789, a Idade Contemporânea tem início, sendo um grande marco, a Revolução Industrial, bem como as duas grandes guerras mundiais. Verifica-se que todo o período histórico da sociedade ocidental é marcado por revoluções, ou no contexto de estudo, de combustões sociais. Grandes crises deram início a grandes períodos, ou seja, a combustão social.

Alguns estudiosos já mencionam o início de um novo período histórico, qual seja, o período pós-contemporâneo. Para Adolpho (2009) “Acredito que nossos bisnetos chamarão de “Idade Pós-Contemporânea” a época que começa em meados dos anos 90 do extinto século XX (possivelmente para terminar somente com a colonização de um outro planeta).”

Já para Andrade (2014), pode-se falar, inclusive, em “era tecnológica”:

A derrubada do Muro de Berlim em 9 de novembro de 1989 não apenas pôs fim à Guerra Fria como também significou um marco na história mundial. Para o professor Nilzo Ivo Ladwig, do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Administração, Relações Internacionais e Turismo da Unisul (SC) e organizador do livro 20 anos da queda do Muro de Berlim: um debate interdisciplinar, a demolição significou uma mudança de paradigmas. Segundo ele, após a queda do muro, surgiram novas abordagens ecológicas, econômicas, educacionais, políticas e sociais. Esse novo período da história da humanidade aponta para significativas mudanças e melhorias, demarca desafios e consolida absurdos como a degradação do meio natural, a exclusão social e o consumo exarcebado. A nova era, que talvez possa ser chamada de “tecnológica”, tem como principal característica o aumento do conflito e do distanciamento entre homem e natureza, iniciado na Inglaterra dos tempos modernos pelas marcantes intervenções socioambientais da primeira Revolução Industrial, entre 1760 e 1850. (ANDRADE, 2014, p. 1)

Notadamente, desde a Revolução Francesa, presenciaram-se revoluções cada com mais frequência. A Revolução Industrial per si, transformou o mundo e o modo de consumo em uma velocidade frenética. Nesse ponto, temos as fases da revolução industrial.

Na primeira Revolução Industrial, saiu-se da atividade de setor primário, a agricultura, para as fábricas. Teve início o êxodo rural, apesar de ainda preponderante.

Ocorreu na segunda metade do Século XVIII, na Inglaterra, com passagem da monofatura à maquinofatura, aperfeiçoamento das máquinas a vapor a, tendo sua principal atividade na produção têxtil e metalúrgica. A força humana foi substituída pela força máquina com força da natureza (SANTOS, 2014).

Um século depois, por volta de 1860, novas tecnologias contribuíram para esta nova etapa da Revolução Industrial, tais como a eletricidade, transformação de ferro em aço e a indústria química:

Nascia, assim, a Segunda Revolução Industrial e, com ela, na busca de maiores lucros em relação aos investimentos feitos, levou-se ao extremo a especialização do trabalho; ampliou-se a produção, passando-se a produzir artigos em série, o que barateava o custo por unidade produzida. Surgiram as linhas de montagem, esteiras rolantes por onde circulavam as partes do produto a ser montado, de modo a agilizar a produção. Taylor e Ford foram os principais expoentes dessa nova forma de produção material dos bens de consumo. Cada qual desenvolveu suas teorias e práticas numa sociedade capitalista na qual a supremacia burguesa estava estabelecida na esfera econômica, o crescimento urbano era favorecido pelo êxodo rural acelerado e, desta forma, o aumento da classe operária era consequência natural. Ainda neste período, a política e a ideologia gravitavam entre dois pólos: a burguesia industrial e o proletariado. Taylor, precursor do movimento denominado taylorismo que se iniciou na virada do século XIX para o século XX, introduziu a concepção do domínio do trabalho pelo capital através do controle das decisões que eram tomadas no decorrer do processo produtivo. (GASPARIN; SILVA, 2006, p. 6)

No que tange a Terceira Revolução Industrial, os pilares dessa Revolução Industrial são as novas tecnologias, desemprego e organização do trabalho. “As propostas neoliberais têm produzido efeitos deletérios no mercado de trabalho, tendo como um dos maiores problemas o aumento do desemprego dos setores produtivos, com os trabalhadores sendo expulsos do mercado de trabalho”. (MEDEIROS; ROCHA, 2004, p. 400)

Historicamente, esse período compreendeu o pós Segunda Guerra, mais precisamente na década de 50, compreendendo o maior avanço tecnológico tanto no sistema produtivo, como no campo científico, por exemplo nas áreas da genética, eletrônica, robótico, informática, dentre outras. (SOUSA, s.a). A Quarta Revolução tem a ver com uma renovação da terceira, um desenvolvimento dos estudos, pesquisas e nanotecnologia:

A Quarta Revolução Industrial é também conhecida como a era das máquinas livres assim tomando parte do movimento “Faça você mesmo”, saltando de tarefas domésticas para os laboratórios de pesquisa e indústrias. E o salto foi impulsionado pelos motivos de economia de dinheiro e obtenção dos resultados necessários (CONTREIRAS, 2015, p. 84)

Ante o apresentado, percebe-se que as revoluções industriais tem ocorrido em um menor espaço temporal entre cada uma, falando-se em aproximadamente 100 anos entre a primeira e a segunda, 80 a 90 entre a segunda e a terceira, e em 40, 50 anos entre a terceira e a quarta. O mesmo se pode falar entre as eras da história, onde os historiadores atuais já afirmam nos encontrarmos na era pós-contemporânea, ultrapassada na década de 90 em decorrência das inovações tecnológicas.

2 Da percepção de tempo

Para se falar em desenvolvimento, ele é inerente à noção de tempo transcorrido, e quem não tem a sensação de que os dias têm passado de maneira mais rápida nas últimas décadas?

A geração de nossos pais e avós, viviam com menos recursos, mas mais qualidade no que tange a tempo livre para descanso e lazer, já que nos momentos fora do labor, não havia a exigência mental tal qual atualmente, em que vive-se em uma sociedade do excesso, onde o descanso é repugnado por ser um empecilho ao desenvolvimento pessoal e profissional.

Não se pode perder tempo, deve-se tornar todo o tempo livre em tempo útil de aperfeiçoamento. Sobre o tempo para Sampaio (2016):

O tempo não é uma variação de energia que possa estimular os neurônios sensitivos. Ao contrário da visão, não existem organismos que possuam sensores especializados em captar informações temporais do mundo externo. Apesar disso, a noção de tempo parece ser crucial em nossas vidas e em nosso comportamento [...] Outra distinção relevante, melhor discutida na história do conceito do tempo, é entre duração e ciclo. As durações indicam que um evento se estende por um determinado período. Já os ciclos indicam que um evento poderá se repetir com determinada frequência, em ciclos. (p. 376)

A percepção temporal pode ser considerada multideterminada, dependendo de fatores como temperatura corporal, ritmos cardíacos e nível de complexidade da atividade executada, (CHAVES, MAIA FILHO, 2016). No que tange a Sales (2006):

Consoante a visão de tempo de uma sociedade, mais dinâmica ou mais imóvel, assim os tempos passado, presente e futuro adquirem cargas de ação ou inação distintas. Consoante o grau de unificação, homogeneização e integração das três dimensões de tempo no seio de uma sociedade, assim essa sociedade responde perante a sua memória, a sua realidade e a sua projecção de modelos de organização. É, por vezes, em momentos de experiência liminar, momentos conturbados e dramáticos, que os traços de analogia entre as três dimensões do tempo se estabelecem, consolidam e redefinem. E nessas alturas que a temporalidade se torna eficaz e produtiva, permitindo aos indivíduos e às sociedades (re)encontrarem os seus próprios rumos no devir histórico. (p.2)

No conceito de Fleming (1989), professor de física da USP, o tempo, em sentido definido e de uma forma dramática, se resume ao envelhecimento biológico. Citando o fenômeno observado no filme “O curioso caso de Benjamin Button”, pelas leis da física uma pessoa idosa, pode com o decorrer dos anos se tornar uma criança. Apesar de o fenômeno ser estático, há zero chance de um idoso rejuvenescer, e há certeza absoluta de que um jovem irá envelhecer.

No conceito filosófico, Aristóteles também leciona sobre o tema, de forma quase teatral, afirmando ele que o tempo não se assemelha a uma substância, pois é composto de pedaços, partes que não existem, pois algumas já pelo tempo transcorrido, se remetem ao passado, enquanto outras ainda não existem, pois pertencem ao futuro. Ainda não se pode afirmar que exista alguma parte no tempo atual por não ser um “agora extenso e não o sendo, ele não pode ser propriamente uma “parte” do tempo, pois uma parte é, por definição, algo extenso”. (PUENTE, 2007, p. 30) Por essa razão, ele descarta a imagem que temos de passado, presente e futuro, partes do tempo.

Para Aristóteles, ainda não se pode confundir o conceito de tempo com o de movimento. Para ele, se não houver mudança em nosso pensamento (*metabállomen tèn diánoian*), ou caso ignoremos uma mudança (*láthomen metabállontes*), o tempo deixaria de existir para nós. (PUENTE, 2007)

Como exemplo, ele cita o caso de um grupo de pessoas que adormecem subitamente, perdendo, daí, a noção do tempo transcorrido, porque ao acordarem conectaram o agora anterior, ou seja, o agora que marca o início de seu adormecer ao agora posterior, isto é, o agora que assinala o início de seu despertar, suprimindo assim o intervalo de tempo intermediário entre esses agoras por causa da ausência de sensação” (*dià tèn anaíthesían*)” (PUENTE, 2007, p. 33) que ocorreu enquanto dormiam.

Já, finalizando, Platão, afirma que Chronos, o tempo, era uma “imagem móvel da eternidade, sendo, portanto, temporário, visto que é apenas uma medida temporária na dimensão física, fazendo parte de uma realidade inferior” (ARANTES, 2015, p. 8.)

2.1 Sobre os tempos modernos



Fonte: <https://www.jornaltornado.pt/tempos-modernos-e-uma-critica-pungente-da-modernidade-capitalista-filme/>

Quando o filme “Tempos Modernos” foi lançado, o que mais chamou a atenção à época foi a redução do ser humano a uma força de trabalho. O trabalho exaustivo, pouco remunerado e repetitivo foi o grande apelo para chamar a atenção do público, apesar do humor ácido contido no mesmo. Nesta cena representada acima, apesar de cômica, revela como o ser humano se tornou uma parte da máquina de produção de capital. Chaplin, em seu personagem, repetia seu trabalho tantas e tantas vezes, tal qual a máquina, mecanizada, que ao adentrar em suas engrenagens percebe-se como faz parte dela, desumanizado.

Em Tempos Modernos, os operários são apenas apêndices do sistema de máquinas, uma mera engrenagem, representada na cena clássica dos operários sendo engolido pela máquina. É a dimensão da objetividade estranha e fetichizada, pois a máquina, ou mais propriamente, o sistema da máquina, é a própria representação do fetiche que se impõe sob o comando do capitalista como *persona do capital*. (ALVES, 2000, p. 70)

Nem todos que assistiram ao filme, notaram a crítica nele contida, pois é necessário um exercício um pouco maior de autocompreensão e consciência de classe para entender o que o filme quis representar.

85 anos após seu lançamento, a indústria produtiva em si não mudou tanto, mas houve o surgimento de novas formas de mecanização do trabalho e do ser humano sem que nos déssemos conta.

3 Da eficiência e da produtividade

*Pane no sistema
Alguém me desconfigurou*

*Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo*

*Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado*

*Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema*

*Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste e viva*

*Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga...*

*Não, senhor
Sim, senhor
Não, senhor
Sim, senhor*

*Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema*

Compositores: Priscilla Novaes Leone

Letra de Admirável chip novo

Quando a música acima foi lançada, popular pela voz da cantora “Pitty” fez um enorme sucesso nas rádios, mas poucos sabem que ela tem como referência o livro “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley de 1932 (DOMIN, 2019), na qual, assim como um robô, a personagem critica o sistema em que está inserida, mecanizada, se questionando se realmente há um poder escolha.

Atualmente, uma parcela da população não enfrenta o ambiente industrial, mas será que deixaram de ser mecanizados? Para Daniele (2014) “Muitas pessoas argumentam que precisam de dias com mais de 30 horas para que consigam terminar todos os seus afazeres.” (p. 1) O segredo está em como ter o melhor aproveitamento de seu tempo.

3.1 Do perfeccionismo inatingível

Um pensador atual que vem tratado dessa sociedade frenética, é Han (2015), o qual trata que a sociedade atual é uma sociedade que nega as proibições, não podendo ser classificada como uma sociedade disciplinar, e sim, uma sociedade de desempenho:

O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas liberdade e boa vontade. Do trabalho, espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desvincula da

negatividade das ordens do outro. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações. (HAN, 2017, p. 83)

Em sua obra *Sociedade da Transparência*, Han (2017) leciona que a sociedade, focada no positivismo, não admite qualquer sentimento negativo, fazendo com quem esqueçamos como lidar com dor ou sofrimento. Inclusive, em obras literárias até mesmo o amor é alvo dessa positividade, onde deixa de ser objeto de dor e passa somente a ser o “senhor das alegrias”. Mencionando *Lob der Liebe* (Louvor do amor), de Alain Badiou, para quem o “O homem pode estar enamorado sem cair na paixão! (*sans tomber amoureux*)” (p.15). Poderíamos dizer que isso se resume ao mundo literário, onde “o amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, no qual todo e qualquer ferimento deve ser evitado” (p. 15), o que vem em contraponto já que “sofrimento e paixão são figuras da negatividade” (p. 15).

No contexto brasileiro, o conceito já vem encrustado há um certo tempo. Sem adentrar no tema do que viria a ser culturalmente aceito como “arte”, de Garota de Ipanema e La Belle du Joir, passamos a um período de amores passageiros e fugazes, tais como uma combustão momentânea que se finalizam em “o amor continua, mas viveremos separados como amigos” discurso praxe de famosos globais e subcelebridades de internet, e a “cultura do desapego” vista nas mais diversas canções do cenário atual, na qual o amor é transfigurado a uma mercadoria, propensa de troca, desvinculando-se de maiores amarras na qual, como o modelo americano capitalista, a partir do momento que não me serve, busca-se um novo que me cause a mesma combustão de felicidade, tal qual a criança quando abre o pacote de presente ansiando o brinquedo de seus sonhos.

Consideradas defeituosas ou não "plenamente satisfatórias", as mercadorias podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais, mesmo que não haja um serviço de atendimento ao cliente e que a transação não inclua a garantia de devolução do dinheiro. Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneçam em uso por muito tempo. Afinal, automóveis, computadores ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que "novas e aperfeiçoadas versões" aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra? (BAUMAN, 2004, p. 35)

Essa “negação da negatividade” é a causa de diversos males mentais que assolam a comunidade global neste século, dentre elas depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB). Esse cenário vem à tona com o excesso de positividade (HAN, 2015), podemos dizer que é o chamado nas redes de “positividade tóxica”.

A repulsa a negatividade, para Bauman (2001) pode ser traduzida como a liquidez da modernidade:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro — em nome da produtividade ou da competitividade (p.30)

Não nos damos o direito de sofrer, o direito de sentir dor, ao direito de chorar e externar as emoções. Elas ficam represadas sob o manto da produtividade e do sucesso, sendo subjugadas até que como um copo cheio de água, transbordam, dando origem aos males da mente citadas acima.

Enquanto nos séculos passados tínhamos a sociedade de obediência, onde cada qual deveria respeitar e seguir seu destino de acordo com os ditames do patrão e das normas, temos no século XXI, sujeitos de desempenho e produção:

A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O *poder* ilimitado e o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. (HAN, 2015, p. 24-25)

Os mecanismos de controle da sociedade transformaram-se ao longo dos anos, onde o sujeito de obediência, percebendo que deveria se rebelar contra o sistema para ter garantias e direitos, deveria ser controlado de outra forma e nada melhor do que mascarar o controle pela falsa noção de liberdade alcançada pela máxima produtividade. Quanto mais você trabalha, quanto mais é positivo, quanto mais exala “positividade ao universo”, quanto mais lucro você gera ao dono do capital, mais você recebe e é feliz, sem se dar conta do custo à exaustão mental:

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. (HAN, 2015, p. 25)

A continuidade da prosperidade e desenvolvimento do sistema continução pressupunha essa necessidade de desapego. A continuidade do sistema capitalista necessita da substituição, da troca, da mudança do velho para o novo e isso é transfigurado nas relações interpessoais,

onde se busca sempre o novo. Há uma mecanização da mente em sentido tão alarmante, que o sentimento é quase um traço que restou dessa evolução, assim como mantemos traços pré-históricos inerentes à caça e proteção da prole, abrigo e alimentação.

Naqueles tempos pré-históricos, em situações de combate e conflito, a adrenalina, hormônio produzido pelas glândulas suprarrenais, localizada acima dos rins, no sistema endócrino sempre, era ativado em situações de perigo para que em caso de necessidade possamos sobreviver. É devido a esse hormônio em que é possível uma pessoa levar um tiro, sofrer um corte e sentir o mínimo de dor até encontrar um local onde possa se abrigar e sobreviver.

Atualmente, o corpo humano pode ser classificado como viciado em dopamina, um neurotransmissor responsável por levar informações para várias partes do corpo e que provoca a sensação de prazer e aumenta a motivação.

Em um mundo onde há excesso de informação, positividade e desempenho, essa sensação de prazer causado pela recompensa pode quase ser classificado como uma droga que quanto mais temos, mais necessitamos, e é essa a combustão dos tempos modernos.

No contexto capitalista, o consumo tem de ser cada vez mais exacerbado e frequente para que sintamos prazer na aquisição. Em relacionamentos, os quais após certo tempo geralmente caem em certa tranquilidade e monotonia, a dopamina baixa, logo precisamos de novas combustões amorosas para que nos sintamos apaixonados. Da mesma forma, precisamos trabalhar, produzir e entregar mais, para que obtenhamos sucesso.

4 do jovem espiritualista ao jovem suicida

As discussões sobre o excesso de positividade têm tomado maior tamanho a partir do momento que passaram a atingir sobremaneira os países ocidentais, mas nada mais são do que um reflexo do que já ocorre há um tempo em países orientais, em especial o Japão, ilha pequena, superpovoada, competitividade altíssima entre os jovens, na qual o fracasso profissional culmina em índices suicidas altíssimos.



Fonte: Julian Colton <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-42537202>

A foto acima é de Aokigahara, conhecido como 'bosque de suicídios' no Monte Fuji, Japão, local que se tornou famoso por ser refúgio de pessoas que buscam tirar a própria vida. O Japão tem uma das mais altas taxas de suicídio do mundo e em 2016, apesar de uma redução, foram registradas em relatórios oficiais, 21,8 mil mortes. (COMO É O AOKIGAHARA... 2018)

A situação foi tangencialmente agravada após a pandemia de Covid-19, já que as taxas de suicídio em outubro foram de a 2.153, maior que as mortes decorrentes de coronavírus em todo o ano de 2020:

Mais de 17 mil pessoas tiraram sua própria vida este ano no Japão. Os casos aumentaram em 600 no mês de outubro em comparação a 2019, com os suicídios femininos, que em geral são cerca de um terço do total, subindo mais de 80%. (JAPÃO REGISTRA... 2020)

Voltando os olhos ao mundo ocidental, o excesso de dopamina, de estímulos, nos faz ficarmos desabitoados ao tédio, fato que nos faz buscar a produtividade até em momentos em que o corpo e mente pedem tédio e descanso. Não é incomum nos depararmos com postagens em redes sociais sobre o estímulo a produtividade com frases como as seguintes:

- *“Trabalhe enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam, e então, viva o que eles sonham.”*
- *Estude, enquanto eles dormem. Trabalhe, enquanto eles se divertem, Lute, enquanto eles descansam. Depois viva, o que eles sempre sonharam.*
- *Esse ano te chamarão de louco, em 2022 estarão te pedindo 3 coisas: conselho, dinheiro e emprego.*
- *Descanso é bom, mas é sobre pressão que o carvão vira diamante.*

- *Vítimas se machucam e param, guerreiros se cicatrizam e voltam mais fortes*

Há clara condenação aos deleites de momentos de prazer e descanso, já que a produtividade deve perdurar a todo momento, aproveitamento do tempo em busca do aumento da eficiência e riqueza, com a promessa intrínseca de recompensa futura (a qual talvez nunca venha), negando-se a si mesmo os pequenos prazeres de momento atual. Condena-se o tédio, o nada fazer, nada pensar, nada produzir.

Vendemos nossa força de trabalho durante o horário de expediente e fora dele, mesmo não recebendo por isso, nos capacitando, participando de palestras motivacionais, treinamentos de liderança (muitas vezes custeados por nós mesmos) para trabalharmos com mais eficiência e negando a nós mesmos o direito ao ‘tempo do nada’. Sobre o tédio em contraposição ao excesso de positividade:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e a atenção, que ter efeitos novamente na estrutura da atenção (HAN, 2015, p. 31)

Para Han, na sociedade atual, os inquietos valem muito. Assim, podemos dizer que os poucos que ainda tendem a normalizar tédio são reclusos e apartados da maioria positiva, sendo taxados pejorativamente de “vagabundos”, preguiçosos, que não lutam por objetivos, esperando graças advindas do céu, com falta de espírito empreendedor, com a veemente banalização do repouso.

Os resultados são trágicos, vivemos em uma sociedade dos ansiosos e deprimidos, que não conseguem ter vida fitness, social e financeira no mesmo patamar de “*instagramers*” patrocinados. Vende-se um estilo de vida inalcançável. Nosso reflexo no espelho social diz “fracasso”, “preguiça”, “na sua idade já deveria ter sucesso” quando na verdade a alma clama é por um mínimo de ócio.

Freud (2010) afirma que o propósito da vida humana é a felicidade, ser e permanecer feliz. Contudo, essa aspiração tem um lado negativo e outro positivo, quais sejam, a ausência de dor e desprazer e a sensação de prazer intenso, sendo felicidade, a conotação desse segundo sentido, finalidade esta que comanda o funcionamento do aparelho psíquico.

Não é à toa que o mercado, líquido como a modernidade de Bauman, nos entrega profissionais com resultados imediatos. Foge-se da psicologia clássica de inúmeras e longas sessões para o “coach” e terapias de rápido resultado. A sociedade moderna não tem tempo para explorar os traumas intra e extrauterinos em longas conversas de divã.

Neste mercado, temos as mais diversas categorias, coach profissional, coach *lifestyle*, e até mesmo, por mais jocoso que seja, o coach quântico.

Segundo o Instituto Brasileiro de Coaching, o conceito de coach é “O coach é o profissional que atua aplicando os conhecimentos que tem e a metodologia do Coaching na vida pessoal, profissional e empresarial das pessoas, contribuindo para que elas alcancem seus objetivos em um curto espaço de tempo.”

Ainda, nesta necessidade de uma positividade pujante, um dos maiores bestsellers mundiais nesta linha de autoestima é o livro “O Segredo”, no qual alinhar pensamentos positivos com o universo promete auxiliar a alcançar o resultado pretendido: “lei da atração, fenômeno da metafísica segundo o qual as pessoas atraem para suas vidas exatamente aquilo que acreditam merecer.” (O SEGREDO DO SUCESSO... 2007). Na prática, é a aplicação da teoria do *Yes, we can*, citado alhures.

Outro ponto dessa combustão social, na qual observamos, é a rapidez com que tudo precisa ser apresentado e digerido, tal qual a explosão revolucionária. Não tem-se tempo para ler livros complexos, para ler explicações, pesquisar, decoramos somente palavras-chaves, pontos fundamentais de cada coisa, tal qual “*reels*” ou vídeos de perfis, inclusive profissionais, em Instagram e Tik Tok.

Entre promessas de sucesso, supermetas, socialites em redes sociais, venda de cursos para alavancar negócios, fora dos “*stories*”, a sociedade real, diferente da sociedade virtual não vivencia isso em seu dia a dia, gerando a depreciação de autoimagem, autoestima e a consequente depressão.

Infelizmente, emanar energia positiva ao cosmos não paga contas e não coloca alimento na mesa dos brasileiros e da população mundial. Entretanto, as redes entregam uma imagem que apesar de irreal, acabam sendo a regra, e quem não alcança o cumprimento dessa meta, é excluído. Consequentemente, não atingir esses objetivos profissionais e pessoais, colocam os seres humanos em uma situação de tensão e autocobrança resultam em casos de ansiedade e depressão, podendo culminar no suicídio, tal qual a sociedade japonesa tem enfrentado. O sucesso requisitado do ser humano e não cumprido por ele, é considerado falta de esforço.

Não conseguirmos alcançar o patamar de sucesso e de consumo, nos frustra, não temos a dopamina necessária para mantermos o ritmo frenético da sociedade, fulminando em doenças da mente.

Criou-se uma geração que se sente culpada em descansar, mas não nos referimos a um descansar somente de corpo físico, mas de corpo espiritual, em que nos damos ao luxo do nada pensar justamente para guardar e ter energia para pensar em tudo.

4.1 Da sociedade do ter para a falsa sociedade do ser

Tal qual Chaplin adentrou na máquina em Tempos Modernos, fazendo alusão a ser parte dela, o ser humano moderno está mecanizado, não em movimentos, mas em sentimentos. Somos somente o positivo, pois o positivo nos torna produtivos. Pensamentos e sentimentos ruins, diminuem a eficiência. Somos uma máquina, tal qual uma inteligência artificial, capaz de tomar decisões, mas sem capacidade de sentir: “há duas formas de potência. A potência positiva e a potência de fazer alguma coisa. A potência negativa, ao contrário, é a potência de não fazer.” (HAN, 2015, p. 57)

Quem nunca ouviu a frase: imóvel é investimento? Nossos pais, avós foram doutrinados a ter, construir patrimônio em um pensamento sobre ter fontes de renda e menos dívidas durante a velhice, período no qual poderiam finalmente descansar. Atualmente, prega-se muito o ser. Incentiva-se o consumo exacerbado de itens consumíveis, sem longa duração, prega-se que se aproveite a vida, viaje, produza “fotos para as redes sociais”, receba curtidas, sob o falso argumento de ser mais e ter menos, visando o encaixe no conceito de sucesso. Eis a hipocrisia, já que entre o discurso de ter e ser, na verdade mudou-se somente o objeto do ter.

Ao longo de poucas décadas saiu-se da sociedade do energético em que o Red Bull lhe daria energia para todas as atividades desempenhadas para a sociedade do positivismo coaching, em tom jocoso “seja seu próprio Red Bull”.

Conclusão

Em uma comparação não usual, pode-se dizer que a combustão social, ou seja, essa explosão de produtividade, seria semelhante a um buraco negro. Grandes estrelas, ao final de sua vida, após utilizar toda sua fonte de energia, não conseguem mais manter sua temperatura, ocorrendo um colapso gravitacional, ou seja, a pressão interna é insuficiente para resistir à própria gravidade. Então, ocorre uma explosão tão grande e devastadora, tal qual a explosão de eficiência e produtividade, chamada supernova. Um grande fenômeno astronômico, brilhante, mas que após todo seu esplendor, tal qual o ser humano esgotado de tanta positividade, pode se tornar algo denso e escuro, um verdadeiro buraco negro.

Logo, apesar da beleza imediata, o que remanesce pode não ser tão bom, esvaindo-se em si mesmo, causando sentimentos de depressão e vazio, culminar em suicídio, só que, ao contrário da estrela que se esvaiu, o ser humano pode evitar a própria degradação, respeitando-

se e entendendo suas limitações, aceitando que não precisa e nem necessita ser tão eficaz o tempo todo.

Referências bibliográficas:

ADOLPHO, Conrado. A Idade Pós-Contemporânea. (2009) Disponível em: <https://www.conrado.com.br/a-idade-pos-contemporanea/> Acesso em: 26 set. 2021.

ALVES, Giovanni. A batalha de Carlitos: trabalho e estranhamento em Tempos Modernos de Charles Chaplin. Revista de História, Cultura e Arte, Uberlândia, v. 7, n. 10, jan. a jun. 2005. Disponível em: dialnet.unirioja.es Acesso em: 28 set. 2021

ANDRADE, Vagner Luciano de. Era pós-contemporânea ou tecnológica? Universidade Federal de Minas Gerais, Boletim nº 1885 - Ano 41 17.11.2014. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1885/2.shtml> Acesso em: 26 set. 2021

ARANTES, Paulo Corrêa. Kairós e Chronos: origem, significado e uso. Revista Pandora Brasil - Nº 69 - Dezembro de 2015 - ISSN 2175-3318. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf Acesso em 27 set. 2021

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros, 2004, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ebook

BAUMAN, Zygmunt, Modernidade líquida. Tradução, Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, ebook

CHAVES, Hamilton Viana; MAIA FILHO, Osterne Nonato. Percepção de tempo e necessidade de atividade na sociedade do excesso: educação no contexto das tecnologias digitais. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 71–82, 2016. DOI: 10.20396/etd.v18i1.8635719. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8635719>. Acesso em: 26 set. 2021.

Como é o Aokigahara, macabro 'bosque de suicídios' japonês no centro de uma polêmica no YouTube. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-42537202> Acesso em 30 set. 2021

CONTREIRAS, Pedro Augusto Rodrigues. A Quarta Revolução Industrial: Um estudo de caso realizado na empresa Lix de Tecnologia Revista Gestão, Inovação E Negócios - N.1, V.1, 2015. Disponível em: <http://revistas2.unievangelica.edu.br/index.php/administracao/article/view/1307> Acesso em 26 set. 2021.

DANIELE, Adeline. 35 hábitos para se tornar uma pessoa mais produtiva. 2014. Disponível em: <https://exame.com/carreira/35-habitos-para-se-tornar-uma-pessoa-mais-produtiva/> Acesso em 28 set. 2021

DOMIN, Mariana. Resenha: “Admirável Chip Novo” – Pitty (2003). 2019. Disponível em: <https://br.nacaodamusica.com/resenhas-cds/resenha-admiravel-chip-novo-2003-pitty/> Acesso em: 28 set. 2021.

FLEMING, Henrique. O tempo na física. Revista USP, São Paulo, v. 2, jun.-jul.-ago. 1989. Disponível em: revistas.usp.br Acesso em 27 set. 2021

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010

GASPARIN, João Luiz; SILVA; Márcia Cristina Amaral da. A segunda revolução industrial e suas influências sobre a educação escolar brasileira. 2006. Disponível em: https://timelinefy-space-001.nyc3.digitaloceanspaces.com/files/4/4_XOKIYEOCSTZD9YY7QDQBUIIPQICIPYEM.pdf Acesso em 26 set. 2021

HAN, Byung-Chul. Sociedade da transparência. tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul Sociedade do cansaço tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul Sociedade do cansaço tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JAPÃO registra aumento de suicídios; só em outubro, mais pessoas se mataram do que morreram de Covid em todo o ano no país. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/29/japao-registra-aumento-de-suicidios-so-em-outubro-mais-pessoas-se-mataram-do-que-morreram-de-covid-em-todo-o-ano-no-pais.ghtml> Acesso em 30 set. 2021.

MEDEIROS, Soraya Maria de; ROCHA, Semíramis Melani Melo. Considerações sobre a terceira revolução industrial e a força de trabalho em saúde em Natal. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Cwp5Sxn7vqJWKLdcGqqqJ7D/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26 set. 2021.

O SEGREDO DO SUCESSO. 2007. Disponível em: https://istoe.com.br/3048_O+SEGREDO+DO+SUCESO/ Acesso em 30 set. 2021.

PUENTE, Fernando Rey. Algumas aporias sobre o conhecimento do tempo em Aristóteles. HYPNOS ano 12/ nº 18 – 1º sem. 2007 – São Paulo / p. 29-41. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/434/478> Acesso em 27 set. 2021

SAMPAIO, Thiago Oliveira da Motta. Percepção do tempo: da psicologia para a psicolinguística. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 51, n. 3, p. 374-383, jul.-set. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/22264/14886> Acesso em 26 set. 2021

SANTOS, Lenalda Andrade. A Revolução Industrial, Aula 4: A história contemporânea. 2014. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08395302122015Historia_Contemporanea_I_Aula_4.pdf Acesso em 26 set. 2021

SOUSA, Rafaela. Terceira Revolução Industrial. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm> Acesso em: 26 set. 2021